

CONVITE À PUBLICAÇÃO

N.º 1 | (TRANS)LOCALIDADE & CULTURAS URBANAS

DATA LIMITE PARA SUBMISSÃO DE PROPOSTAS: 15 DE JULHO DE 2017

Translocality draws attention to multiplying forms of mobility without losing sight of the importance of localities in peoples' lives

Oakes and Schein, *Translocal China, Linkages, Identities and the Reimagining of Space*

A passagem da "cidade para o urbano" arrastou uma metamorfose profunda da cidade: [...] que passou a centrífuga; [...] a uma geografia desconfinada [...] difusa e fragmentada; [...] passou a ser um transgênico que assimila e reprocessa elementos [...], passou a sistema de vários centros; de ponto num mapa, passou a mancha

Álvaro Domingues, "A Rua da Estrada"

A revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* procura explorar e discutir a possibilidade da transcendência do(s) lugar(es), físico(s) e virtual(is), entendendo-o(s) como espaço(s)/tempo(s) expandido(s), onde local e global surgem como realidades implicadas. Analisará, com particular atenção, não só os processos geopolíticos, sociais, históricos e culturais de *en-contro* local e urbano, como também as diversas formas de expressão artística resultantes desses fenómenos, entendendo que estes, na contemporaneidade e seja na cidade do Funchal ou seja em outras coordenadas, sempre implicam quer o desenvolvimento de laços de identificação local, quer a construção de ligações de pertença a diversas redes externas, situáveis para *além-do-local*.

#1 (TRANS)LOCALIDADE E CULTURAS URBANAS

Refletir, hoje, quer sobre o que é o translocal e a translocalidade, quer sobre o que é a cidade e o urbano (e respetivas culturas), implica colocar estes conceitos, fenómenos e experiências em correlação com outros que lhes são alternativos ou complementares: por um lado, local/localidade/localismo, região/regionalidade/regionalismo, nação/nacionalidade/nacionalismo, globalização e cosmopolitismo; e por outro lado, campo/rural/ruralidade.

O caráter catastrófico, fragmentário e palimpséstico que Walter Benjamin (2003) identificou na experiência da temporalidade moderna, a liquidez que Zygmunt Bauman (2012) diagnosticou na modernidade tardia, ou a reflexividade crítica que Ulrich Beck (1994) também apontou no contemporâneo deixavam de se compaginar, no final do século XX, com conceções exclusivamente lineares e progressistas de tempo, com perspetivas deterministas e meramente materiais do espaço (Lefebvre, 1991; Massey, 2005; Harvey, 2009), ou até com paradigmas estanques e estáticos de fenómenos como a fronteira ou a comunidade (Agamben, 1993; Nancy, 2000).

A cidade e o urbano, pensados e experienciados como lugares-tempos expandidos e instáveis, apresentavam-se como uma tessitura física, social, política e cultural fragmentária, mas densa, contaminada e em turbulenta metamorfose (Crang, 2000). Surgiam como unidades orgânicas, tensionais e não-homogêneas, onde o limiar com o rural e com o estrangeiro se dissolvia e onde

diversas temporalidades se cruzavam, numa trama que era permeável ao estranho, à diferença e ao novo, mas que, simultaneamente, também se definia como corpo autofágico que se vai nutrindo das ruínas do passado, para, de forma complexa e por vezes caótica, se reinventar quotidianamente (Domingues, 2010). Cidade e urbano configuravam-se então (como hoje) como palimpsestos e arquipélagos transfronteiriços, marcados por dinâmicas que ultrapassavam o local; como sistemas rizomáticos, cuja fluidez encontrava pontos de ancoragem e cristalização que se estendiam para além das clássicas muralhas físicas da cidade e para além das normas que aí foram sendo dominantes.

A par com esse entendimento do que era/é a cidade e o urbano, também translocalidade e translocal surgiam, nesse mesmo período, como renovação conceptual desses outros termos que lhes são tangenciais. Sujeitos à usura do tempo e à alteração fenomenológica, histórica e contextual, local/localidade/localismo, enquanto conceitos operativos, tornavam-se limitadores quer na reflexão sobre os sistemas ecossocioculturais modernos, quer na construção de respostas para as interrogações e para os desafios que a contemporaneidade colocava. Por um lado, a vaga crescente dos processos de mobilidade humana e cultural era intensificada com o desenvolvimento tecnológico, com o aparecimento de novos media e (com estes) de renovadas modalidades de comunicação e de relação interpessoal, intercultural e económica, agora também marcadas pelo virtual, pela simultaneidade transfronteiriça e por experiências mais complexas de espaço/tempo (Beck, 2007; Greenblatt, 2010). Por outro lado, o paradigma oitocentista do Estado-Nação (tantas vezes reproduzido, a uma escala menor, no paradigma da Região) esgotava-se (Sousa Santos, 1999), exigindo a reequação dos processos de identificação política e geocultural, das narrativas identitárias e das relações de pertença comunitária (Agamben, 1993; Nancy, 2000). Simultaneamente, a tendência hegemónica da globalização, a vertigem do desenraizamento cosmopolita e esses novos entendimentos de espaço/tempo potenciavam uma profunda desestabilização e pulverização das narrativas identitárias.

Deste modo, translocal e translocalidade questionavam e desconstruíam a dicotomização radical e acrítica que, não raras vezes, se estabelecia quer entre o que era local e nacional, quer entre o que era local e global ou cosmopolita (Greiner e Sakdapolrak, 2013). Passavam a reportar-se a fenómenos e experiências culturais, sociais, políticos, históricos, económicos, artísticos ou até biológicos, geofísicos, psicológicos e afetivos implicados em dinâmicas, mais ou menos transgressivas, de trânsito, de flutuação, de transferência e de metamorfose, fosse de sujeitos, valores, substâncias e imaginários, fosse de bens e produtos. Contudo, esses fenómenos e experiências nem por isso decorriam de uma desterritorialização absoluta, ou de um radical desenraizamento temporal que os projetassem para fora de um aqui-agora. O prefixo *trans*-inscrevia (e subscreve ainda hoje) o carácter dinâmico, transformativo, relacional e transgressivo dessa modalidade contemporânea de experienciar e pensar o local. *Locus*, na raiz etimológica de local, sublinhava, por seu turno, que essa flutuação ou deriva, tal como a (con)fusão de fronteiras delas decorrentes não se esgotavam em si mesmas.

Neste quadro, regressar ao local, para o repensar criticamente, agora numa articulação de diversas escalas e tempos que nele se cruzam, surgia como tentativa de resposta àqueles abalos, exigindo, no entanto, uma outra conceptualização, que ultrapassasse o confinamento das fronteiras do local a um enraizamento estático, físico e geográfico (Appadurai, 2003: 178).

Como notam Katherine Brickel e Ayone Datta (2011: 3-4), na senda de autores como Appadurai, translocal e translocalidade designam fenómenos e experiências “place-based rather than

exclusively mobile, uprooted or 'travelling'". Enquanto lugares expandidos, resultantes do encontro e negociação entre vários locais-tempos, a existência desses fenómenos e experiências produz-se localmente (Appadurai, 2003:178).

Assim, o número inaugural da revista *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas*, abre o convite à publicação em várias das suas secções:

2. Ensaios
3. Artigos
7. Sugestões de leitura

As propostas para publicação serão avaliadas pela Comissão de Leitura da revista e deverão contribuir quer para a reflexão sobre os conceitos de (trans)localidade e culturas urbanas, quer para a análise crítica dos fenómenos geopolíticos, sociais, económicos, geofísicos, biológicos, culturais, artísticos, psicológicos e afetivos que esses conceitos podem referir, quer ainda para a discussão dos problemas que esses fenómenos e experiências implicam. Os casos de estudo tomados como objeto de análise e discussão poderão reportar-se tanto à cidade e às culturas urbanas do Funchal (aqui também entendido como *Funchal-expandido*), quanto a outras cidades e a outros locais marcados pela translocalidade.

ENSAIOS E ARTIGOS

Acolher-se-ão com interesse, **propostas de ensaios e de artigos (entre 2500 e 5000 palavras)**, redigidos em **português ou inglês**, que, ocupando-se do tema "(Trans)Localidade e Culturas Urbanas", abordem (não exclusivamente) tópicos como:

- o local, o urbano e a cidade como lugares-tempos expandidos, como palimpsestos e/ou arquipélagos transfronteiriço: questões de identidade e património;
- mobilidade humana e cultural: movimentações centrífugas e/ou centrípetas, entre a vertigem do trânsito e a pulverização de enraizamentos locais;
- desloca(liza)ções, conflito e poder;
- a plasticidade dos territórios locais e urbanos:
 - processos de coprodução espacial (dinâmicas *top-down* e *bottom up*);
 - sustentabilidade ecológica, (des)ordenamento territorial, riscos, resiliência;
- paisagens locais e urbanas como fenómenos metamórficos e como territórios híbridos: conservação, subversão, (re)criação;
- a complexidade babélica do (trans)local e do urbano contemporâneos:
 - a questão do encontro e da variação linguísticos;
 - a questão da (in)traduzibilidade linguística, social, cultural e artística;
- a (re)imaginação do local e/ou da cidade: narrativas e representações literárias e filmicas;
- discursos artísticos contemporâneos, *site-specificity*, transgressão e deslocalizações (re)criativas;
- turismo e a reinvenção do local e/ou do urbano: do virtual à experiência empírica; processos de *turistificação*.

As propostas de ensaios e de artigos deverão ser enviadas até **15 de julho de 2017**, para a

coordenação da revista (translocal.revista@mail.uma.pt), incluindo também os seguintes elementos:

- um resumo da proposta de texto submetida, em português e em inglês (**até 200 palavras**);
- nome do(s) autor(es) e uma breve nota curricular (**até 100 palavras**).

Até **31 de Julho de 2017** a coordenação da revista informará os autores das propostas que forem aceites.

SUGESTÕES DE LEITURA | RECENSÕES CRÍTICAS

O n.º 1 de *TRANSLOCAL. Culturas Contemporâneas Locais e Urbanas* publicará uma bibliografia de referência sobre o seu tema de capa. Neste sentido, acolher-se-ão com interesse **recensões críticas de livros** (até **1000 palavras**) que, provenientes de várias áreas académicas, culturais e artísticas, abordem questões relacionadas quer com os conceitos, fenómenos e experiências da translocalidade e das culturas urbanas, quer com as problemáticas que desses fenómenos e experiências decorrem.

NORMAS DE EDIÇÃO

As normas de edição da revista encontram-se disponíveis no *website* do UMa-CIERL aqui: http://www4.uma.pt/cierl/?page_id=5070.

+ info. sobre a revista, ver aqui: http://www4.uma.pt/cierl/?page_id=4971